

UMA VIAGEM INSTRUTIVA

Levy ROCHA

O conselheiro Miguel Maria Lisboa, barão de Japurá, natural do Rio Janeiro (1809-1881), foi contemporâneo e co-provinciano do primeiro romântico mais influente do Brasil, Domingos José Gonçalves de Magalhães, visconde do Araguaia (1811-1882).

Mestre em artes pela Universidade de Edimburgo, o conselheiro Lisboa enveredou, ainda moço, pela carreira diplomática, servindo como ministro plenipotenciário em várias legações estrangeiras. Dedicava-se às letras nas horas vagas. Segundo a *Enciclopédia e Dicionário Internacional*, deixou pequena bagagem: *Romances históricos*, firmados por "Um Brasileiro" (em verso, 1843); *Granada e Equador* (1866); *Memória sobre os limites entre o Império e a Guiana Francesa* (1849) e uma *Memória sobre a ortografia portuguesa*, que lhe abriu as portas da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Possivelmente, essa *Memória* teria constituído o texto da palestra proferida na noite de 7 de junho de 1871, quando D. Pedro II visitou aquela casa de cultura e assistiu a uma sessão ordinária na qual, dentre vários oradores acadêmicos falou, finalmente, o ministro Miguel Maria Lisboa.

Servindo em 1865 como ministro na Bélgica, valeu-se da oportunidade para imprimir, no ano seguinte, em Bruxelas, seu livro de 1853, *Relação de uma viagem a Venezuela, Nova Granada e Equador*. Nessa bela e volumosa obra predomina "o sentimento de um brasileiro, americano da raça latina, católico e monarquista", ressalta-se a qualidade do texto e o agradável estilo do autor, preocupado com a falta de regras fixas da ortografia, a reclamar: "... e nem as haverá enquanto muitos homens habilitados não trabalharem sistematicamente por muitos anos com suficiente autoridade para fixá-las".

Há fatura de ilustrações, incluindo mapas topográficos, roteiros da viagem, até mesmo uma partitura musical: *Canción El 20 de Julio*, de

Guarim. Ressaltam as qualidades dos desenhos e trabalhos litográficos, bem como das vistas panorâmicas: Caracas, rio Madalena, Bogotá, Salto de Tequendama, o Chimborazo, o socavão de Guaranda, um proprietário agricultor, a praça principal de Quito, trajes e figuras nas procissões, pirâmide de Oyambaro, e outras.

Na Cova de Guácharo, província de Cumaná, uma das mais famosas cavernas conhecidas, visadas anteriormente por Humboldt, no salão principal, com 80 pés de altura, em plena escuridão, voltejavam milhares de pássaros noturnos, os **guácharos**, soltando fortes pios parecendo guinchos de micos. Os índios extraíam dos filhotes dessas aves graxa abundante que lhes servia de alimento além de outras utilidades.

As observações sobre a cultura do café na Venezuela despertam interesse ao estudo comparativo com o trabalho da mesma lavoura de antigamente em nossa província. O café de terra quente plantado nas mesmas terras em que se cultivava a cana-de-açúcar, era sombreado por um bosque artificial arborizado pela **búcare**, que no fim de fevereiro perdia a sua folhagem para vestir-se toda, de uma floração vermelha. O autor acreditava corresponder essa árvore à nossa planta chamada **papagaio**.

Surge-nos à lembrança o café **capitania** cultivado à sombra dos ingazeiros nos arredores de Vitória já ao despontar do século XIX. O produto alcançou grande reputação sendo exportado para o Rio de Janeiro. É bem possível que bem merecesse um bom atestado do conselheiro Lisboa louvando seu aroma e sabor ao degustá-lo.

Imaginemos agora uma revoada com alarido dos psitacídeos atraídos naqueles cafezais pela polpa carnosa e doce da vagem do ingazeiro: tuins, maitacas, papagaios, araras, aves que foram magistralmente aquareladas pelo desenhista Descourtiz em estampas para correr mundo.

Dois desenhos (“corte de uma riba, ou rolo de secar café” e “despolpador”) mostram que as máquinas e os processos de beneficiar o café nas nossas fazendas dos tempos da escravidão não diferenciavam muito dos processos adotados na Venezuela.

Recordo-me de ter visto numa exposição no jardim público de Muqui um exemplar dessa geringonça, riba ou ripe, grande roda de madeira presa sobre uma coluna, para girar por tração animal num círculo de 24 palmos de diâmetro. A procedência era da fazenda do Centro, em Castelo. Essa fazenda contava, em 1870, com 243 mil pés de café e mais de 20 mil instalações e equipamentos.

Em 1841, guiando-nos pelo relatório do presidente da província, Machado de Oliveira, “o uso do despolpador mecânico, pilador, ventilador, peneiras separadoras de qualidade, e de estufa”, eram ainda desconhecidos no país.

Mas, voltemos ao livro. Sobre usos e costumes das jovens de Bogotá, o autor presenciou-as polcar e valsar com a mesma animação e prazer das nossas belas do Rio de Janeiro. Impressionou-o a abundância de pinturas que via nas igrejas ou nas casas particulares daquela cidade, quadros, na maioria, de Vasquez ou dos índios de Quito. Viu reproduções de Murillo, Rafael, as de alguns quadros de Rivero na Catedral e em São Carlos dos Jesuítas, produtos da arte “quase todos atribuídos ao mesmo Vasquez, natural de Bogotá; que se tornou conhecido desde princípio do século XVII”. “Eu vi no Museu do Dr. Cuervo - enfatiza o conselheiro uma pintura sua que tinha a data de 1621!”

Toda casa decentemente mobiliada tinha o seu piano, cujo transporte de Honda a Bogotá custava quase o preço do instrumento... O tipo de música nacional era o mesmo preferido no resto da América Latina: **bambuco**, de baile e canto, lembrava a **tirana** no Brasil. Nossos **lundus** provocavam a mesma vibração nas granadinas tal qual nas brasileiras.

No enfoque sócio-cultural das três repúblicas visitadas o conselheiro Lisboa extratou algumas composições poéticas de maior importância, lembrando Martin e Zorilla, na Venezuela; Perez, em Nova Granada, onde enumerou outros cultivadores das musas. Do Equador lembrou Olmedo, autor do poema de exaltação patriótica, **Canto a Junin**.

No término da viagem, o futuro barão de Japurá saiu de Quito a 15 de novembro de 1853, regressando à Europa. Em Huacho teve a fausta notícia de que o vapor **Marajó**, inteiramente construído nos nossos estaleiros com recursos próprios do país, subira o rio Amazonas até o porto de Nauta, defronte da confluência do Ucaiale. Exultou: “Já não era, pois, a navegação do grande rio por vapor um sonho: era uma realidade. A bandeira brasileira tremulava no coração da América do Sul.